



TRIBUNA VERSUS BRASIL MULHER: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA (1950-1980)¹

Larissa Mosciaro Faria²

Nathalia Monseff Junqueira³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Resumo: A apresentação tem como proposta analisar uma das colunas pertencentes ao jornal Tribuna, um veículo de comunicação muito importante que circulava diariamente em Corumbá, Ladário e região e considerado o diário independente de maior circulação do estado de Mato Grosso. Sua primeira publicação data do ano de 1912, encerrando suas atividades no ano de 1964. A coluna Sociais, foco da pesquisa, surge no ano de 1950 e tinha como alvo o público feminino. Nela é possível observar temas como culinária, sabedoria do lar, lições de bons costumes dentre outros assuntos correlatos, com o objetivo de reforçar o papel limitador da mulher na sociedade. A partir da leitura do jornal, optamos por buscar outro periódico que tivesse como ponto de partida as demandas sociais das mulheres. Dentre alguns periódicos, o escolhido acabou por ser o Brasil Mulher, um jornal que circulou entre (1975-1980) e tinha como pauta lutas como o direito às melhorias das condições de trabalho nas fábricas, o direito à creche para seus filhos, luta pela anistia e liberdade democrática, o que se tornou um símbolo de resistência contra a ditadura militar. A partir da leitura dessas duas fontes, esta pesquisa tem como objetivo fazer um contraponto temporal e espacial, entender a demanda social feminina na cidade de Corumbá que como consequência vemos o surgimento desse espaço dedicado exclusivamente às mulheres e por qual motivo a coluna Sociais ganhou mais visibilidade com o passar dos anos e se fixou como uma parte importante e perene dentro do jornal desde a sua primeira edição.

Palavras-chave: Mulheres; representações; gênero; Tribuna; Brasil Mulher.

¹Trabalho de Conclusão de Curso, uma versão simplificada foi apresentada no III Colóquio do ATRIUM/UFMS em 2019.

²Mestranda do PPGE, professora da rede estadual de ensino de MS. E-mail: larissa.mosciaro@gmail.com

³Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora de História Antiga e Medieval da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal (UFMS/CPAN). E-mail: nathalia.m.junqueira@ufms.br. Orientadora da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso.



Introdução

A proposta deste trabalho é analisar a coluna Sociais (1950), publicada no periódico *Tribuna* e as matérias “Era uma vez a rainha do lar...” (1980) e “Mulher casada tem de ser biônica” (1980), contidas no jornal *Brasil Mulher*, pois ambos os veículos de comunicação debatem a questão do trabalho doméstico. Partimos do pressuposto que através deste tópico, podemos entender como era construída a representação das mulheres, ou seja, como esses jornais pensavam quais seriam as práticas sociais que deveriam ser desempenhadas por elas.

Os jornais *Tribuna* e o *Brasil Mulher*

O jornal *Tribuna*, fundado em 24 de março de 1912 por Pedro Magalhães, era um periódico de publicação diária, com livre circulação na cidade de Corumbá. O *Tribuna*, se intitulava como diário independente e de maior circulação do estado de Mato Grosso, porém não tivemos acesso a informações que comprovem essa afirmação. O periódico era organizado, em linhas gerais, em 4 páginas, sendo a primeira voltada para notícias de maior relevância, sendo nacionais, internacionais e até regionais, na segunda página, tínhamos os anúncios das casas comerciais da cidade. Na terceira página temos a coluna Sociais, que sugestivamente era rodeada de flores para adiantar que era um espaço voltado para as mulheres, logo ao lado anúncios nomeados como indicador profissional de Corumbá e lá era possível o acesso a serviços como contadores, advogados, anúncios de vendas de imóveis e automóveis. Na última página temos anúncios de cinema e a retomada dos assuntos da primeira página.

Estão presentes na coluna Sociais as seguintes informações: regras de etiqueta social e individual, novidades da moda, maquiagem, conselhos geralmente destinados às mulheres na maneira de como tratar os maridos, sabedoria do lar, que implicava em orientá-las nas tarefas domésticas, seja como cuidar do filho, tirar manchas de roupa, piadas, curiosidades variadas, culinária com receitas doces, salgadas, entradas, prato principal, que eram ensinados diariamente, tudo isso com o objetivo de aprimorar as práticas domésticas.

É válido lembrar que a coluna estaria voltada provavelmente às mulheres letradas. Entretanto, não podemos descartar a hipótese que mulheres não letradas tivessem acesso às informações desta coluna de uma forma indireta, seja ouvindo comentários do que era

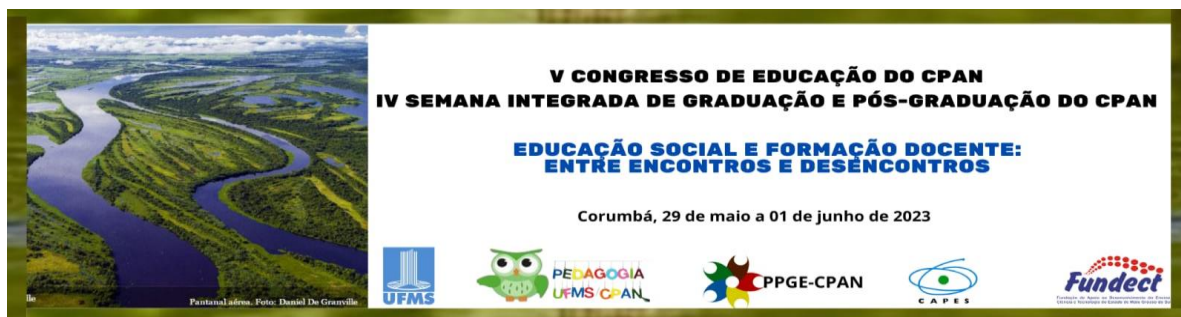


apresentado na coluna, solicitando que alguém a lesse para elas. Abaixo temos a imagem da página 3 do Jornal Tribuna referente a data de 5 de novembro de 1950, circulada em um dia de domingo, na qual observamos o nome Sociais em destaque e a presença de flores, que remeteriam a feminilidade.

A coluna está organizada a partir dos seguintes tópicos:

- Quadra: geralmente representado por uma frase motivacional ou poema;
- Pensamento: citação de pensamento;
- Boas maneiras: dica de comportamento em sociedade;
- Conselhos em geral;
- Ao paladar: receitas em geral;
- Aniversários: fazendo felicitações a população corumbaense.





No decorrer da pesquisa, ao acessarmos o banco de dados da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, deparamo-nos com o Jornal Brasil Mulher, criado em 1975 no Estado de São Paulo por Terezinha Zerbini e a jornalista e professora Joana Lopes que, interessadas pelo movimento feminista, propuseram a criação de um veículo que divulgasse a causa feminista e tratasse, também, de temas voltados às mulheres. Circulando pelo estado paulista durante o período de ditadura militar no Brasil, o Brasil Mulher era um periódico para mulheres e feito por mulheres compondo a chamada imprensa alternativa, de acordo com Rosalina de Santa Cruz Leite (2003, p. 234):

Inicialmente vale ressaltar que, durante os anos do governo militar, surgiu no Brasil um tipo de imprensa denominada democrática ou alternativa por uns, e, por outros, de imprensa nanica. Esses jornais, com formato tablóide e muitas vezes de tiragem irregular e circulação restrita, eram vendidos em bancas, porém a venda mais significativa ocorria no âmbito da militância. Tratava-se de uma imprensa com características de esquerda e de oposição ao regime, artesanal e comercializada, prioritariamente, mão a mão, ou seja, através da venda por militantes dos movimentos populares em eventos ou nas sedes das próprias organizações.

Por estar localizado em uma região populosa e industrializada do país, era possível o acesso às mais variadas informações, construindo as pautas das lutas dos diversos grupos de mulheres atuantes na sociedade, entre elas a luta pela anistia e liberdade de direitos civis, o direito a creche, questões acerca do corpo e da sexualidade como liberdade sexual, defesa ao uso de contraceptivos, melhoria nas condições de trabalho das mulheres operárias (enfoque nas metalúrgicas e indústrias do ABC Paulista) e, por fim, a discussão sobre o trabalho doméstico. Após a leitura das fontes, percebemos que seria possível contrastá-las, mesmo que esses periódicos fossem publicados em contextos históricos distintos, analisando como o trabalho doméstico é abordado nesses dois periódicos. Esse tema atraiu nossa atenção principalmente por ele aparecer no Jornal Brasil Mulher, em matérias pontuais como “Era uma vez a rainha do lar...” (1980) e “Mulher casada tem que ser biônica” (1980), que discutem com bastante indignação o motivo pelos quais as mulheres ainda têm que lidar com acúmulos de funções domésticas, como o cuidado da família, isso inclui maridos e filhos, tarefas que cabiam às mulheres nas duas décadas anteriores, como observamos na coluna Sociais.



Segundo Leite (2003, p.235), no “período-pós 1975, o primeiro jornal dirigido às mulheres e feito por mulheres, Brasil Mulher, publicado pela Sociedade Brasil Mulher (Foram 16 edições regulares e mais quatro denominadas “extras”), de 1975 a 1980”. Por se afirmar feminista, suas matérias e pautas eram consideradas polêmicas o suficiente para chocar uma parcela da sociedade que se via favorável ou não se opunha ao regime vigente. Ao contrário da coluna Sociais, que era uma coluna pertencente a um todo, no caso o jornal, e que possuía como público alvo mulheres das classes mais favorecidas da sociedade, e que vivenciava a promessa de um país melhor, o Brasil Mulher era um jornal que continha um outro formato, pois possuía temáticas femininas que tentam inserir as mulheres no contexto do trabalho fora de casa, abrangendo todos os aspectos do cotidiano da mulher e, assim, atingindo um número maior de mulheres com uma gama infinita de perfis social e econômico.

ERA UMA VEZ A RAINHA DO LAR...

Há dois anos atrás, as mulheres de um pequeno país que quase ninguém conhecia deram o que falar. Depois de muito pensar e conversar, elas perceberam que ninguém dava valor ao trabalho que elas faziam.

Elas resolveram então parar de trabalhar um dia. Parou todo mundo: operárias, telefonistas, professoras, secretárias, donas de casa, etc. Tanto foi na Itália. E o confusão que causou no país foi tão grande quanto você pode imaginar.

Mas a confusão mais estranha, que ninguém pensava que fosse acontecer, foi a que resultou do fato de as mulheres também não terem trabalhado em casa. Pra começar, todos os maridos chegaram atrasados ao serviço - alguns nem puderam ir - pra cuidar do bebê e - muitos exclamados - lábios fiorentinos que tentam imaginar uma solução para as crianças que os pais tinham levado junto...

Acabou que ninguém fez de conta que trabalho doméstico não é trabalho. Porque dá mais lucro pro patrão e para o governo. Quer ver como?

Cuidar da casa economiza dinheiro... pro patrão

O salário mínimo é calculado levando em conta o custo das necessidades mínimas que o trabalhador tem para estar em condições de trabalhar.

Ora, pra poder voltar pro tempo todo dia, você e seu marido precisam de um lugar onde se possa descansar até o dia seguinte. Não bastam quatro paredes, uma cama e um teto. A casa precisa estar arrumada e limpa, senão ninguém consegue descansar e pagar impostos. Se a esposa ou a manezinha não limpa a casa, de ôta, uma ou o trabalhador vai precisar trabalhar menos tempo fora, pra poder cuidar disso ele mesmo, ou vai ter que contratar uma faxineira. E vai precisar ganhar pelo menos mil cruzados a mais pra poder pagar. Se a mulher faz esse serviço de graça, o salário pode ser menor.

Não é só a mulher que quer ter filhos

Se todas as mulheres resolverem que ter filho dá muito trabalho, e que o negócio é não tê-lo, o mundo acaba quando morrer essa geração. Mas se todo mundo quer, por que é que todo mundo não cuida dela? Se é do interesse de todos que nascam e cresçam, crianças por que então não temos em número suficiente boas berçários, creches e escolas gratuitas para toda a população? Afinal, todos pagam impostos, não?

Se todos os homens resolverem que ter filho dá muito trabalho, e que o negócio é não tê-lo, o mundo acaba quando morrer essa geração. Mas se todo mundo quer, por que é que todo mundo não cuida dela? Se é do interesse de todos que nascam e cresçam, crianças por que então não temos em número suficiente boas berçários, creches e escolas gratuitas para toda a população? Afinal, todos pagam impostos, não?

Se todos os homens resolverem que ter filho dá muito trabalho, e que o negócio é não tê-lo, o mundo acaba quando morrer essa geração. Mas se todo mundo quer, por que é que todo mundo não cuida dela? Se é do interesse de todos que nascam e cresçam, crianças por que então não temos em número suficiente boas berçários, creches e escolas gratuitas para toda a população? Afinal, todos pagam impostos, não?

O Descanso do Guerreiro

Articamente, os homens salam bravamente de casa, montam-se nos bebês, e trabalham o dia inteiro num ritmo lento e muitas vezes sob a bronca do chefe. E levam o cansaço, a raiva, o desalento para casa. Chegam lá e descarregam tudo na mulher. E isso é bom para o patrão.

Que bom para eles se existam as esposas doces, compreensivas, submissas, que sabem de... saco de pancada! Que bom para o patrão?

Serão as mulheres amigas da onça?

Não são. Mas acabam fazendo o jogo dos patrões, do poder, porque até não perceberam o que isso significa. Pois que dificilmente se encontram para falar de sua situação, e sempre, cada uma pensa que seu problema é particular.

Mas quando elas se reúnem para discutir, a situação muda.

Na Itália, as mulheres resolveram educar os maridos. E começaram dando para eles tarefas domésticas mais fáceis, do tipo lavar as crianças para a creche. E foram direcionando...

Mas quando chegou a hora de ter que imaginar o que fazer para a janta, eles começaram a perceber o quanto aquilo era chato. Dal todo mundo o espírito e passou a ter reações populares em cada cozinha, onde se compra a refeição pelo preço do custo, só faltando esquecer a comida em casa.

Em muitos países (França, Itália, Estados Unidos etc.), as mulheres acham que o ideal é mais ou menos isto: restaurantes populares e almoço no local de trabalho e nas escolas, lavanderias coletivas, com todo o equipamento, em cada quarteirão, para que as pessoas possam lavar gratuitamente e sua roupa; boas creches, escolas e parques infantis; e um serviço coletivo de lavanderia, limpar as ruas é um trabalho coletivo, onde a prefeitura tem a obrigação de contratar equipes para fazer:

porque não fazer o mesmo quanto à limpeza das casas?

Só que, para que isso aconteça, muita coisa tem que mudar. Todo mundo tinha é que estar preocupado com o bem-estar do povo, em vez de pensar em economizar mais ou como fazer rico às custas dele.

É isso não vem como presente de Papai Noel em primeiro lugar, porque ele não existe; e mesmo que existisse não ajudaria muito. Isso, a gente só consegue se conectar a conversar, a se reunir para saber quais são os nossos problemas, quem é o responsável por eles, e o que devemos fazer para resolvê-los.

E se as mulheres, que não são prioritariamente interessadas, não começaram a se reunir para que todos se preocupem com isso, e mudem essa situação, quem vai fazer isso?

Rachel Morero

BRASIL MULHER



O trabalho doméstico nas páginas dos jornais

A partir da análise dos periódicos, encontramos vários pontos de convergência, seja na época em que circulavam, na cidade, na parcela da sociedade feminina estavam voltados, nos ideais em que estavam ligados. Antes de adentrarmos para essas semelhanças, ressaltamos que mesmo que a coluna Sociais não tenha diversificado as temáticas da coluna ao longo dos anos, é de fato muito instigante perceber como ela se consolidou como um ponto fixo no jornal, pois era um espaço dedicado ao público feminino em um jornal local dos anos 1950. Segundo as palavras de Gritti (2008, p. 178)

A narrativa de imprensa – notadamente nos cotidianos – caracteriza-se enfim por uma espécie de jogo metanarrativo, o das relações entre narrador e fontes de informação. Este jogo participa simultaneamente de duas funções atribuídas à linguagem por Roman Jakobson: a função metalinguística ou deciframento das informações, a função referencial ou recurso ao contexto, à “realidade”. No caso de uma narrativa de morte, o contexto está escondido, protegido. A fonte de informação, ao mesmo tempo, detém o código a decifrar e mediatiza o contexto. O papel do narrador vai, pois, mais especialmente manifestar-se pela posição que ele se outorga diante da fonte de informação.

A partir de meados da década de 1950 são retomados, em níveis internacionais, os debates com base nas temáticas de lutas pelos direitos de diversos grupos sociais, inclusive das mulheres. Alguns anos antes, Simone de Beauvoir em sua obra *Segundo Sexo* (1949) afirma que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR [1949] 1980, p. 9).

Em suma, é o sistema social que constrói a representação da mulher, delimitando seu espaço ao mundo doméstico e relativizando os direitos adquiridos pelas lutas feministas. A história das mulheres surge com o objetivo de integrar as mulheres à História, pois as feministas reivindicavam um espaço acadêmico para esse grupo, que havia sido negligenciado na história Positivista. Entretanto, a História das Mulheres atrelou-se a um posicionamento político, sendo criticado por alguns historiadores tradicionais que defendiam que não existe a história das mulheres como um campo isolado. Dessa maneira, na tentativa de integrar as mulheres na



História, de encaixá-las acabaram por criando uma identidade única a elas, o que aumentou ainda mais as tensões criando oposição de homem versus mulher.

Com estas informações em mente, passamos a analisar as matérias escolhidas, “Era Uma Vez A Rainha do Lar...” do Brasil Mulher e a coluna Sociais do jornal Tribuna e a partir de então, observar os pontos em que ambas se contrapõem ou se aproximem. Percebemos uma crítica logo na forma como elas nomeiam a primeira matéria, traz uma dose de sarcasmo quanto ao fato de apenas as mulheres serem consideradas rainhas do lar, e as reticências no título dão uma sensação para o leitor que estar dentro de casa, na verdade, seria muito mais trabalhoso e menos glamoroso do que as pessoas, principalmente os homens, pensam que seja. Isso fica visível quando observamos as feições das personagens femininas que ilustram essa matéria.

Jornal Tribuna, de 28 de outubro de 1958, encontramos no tópico sabedoria do lar a seguinte informação: “limpe os pentes e a escova com uma solução de amoníaco e água”. De maneira geral, esse tópico era sucinto e objetivo, dava dicas práticas para o dia a dia das mulheres lidarem com algo típico em sua rotina, o trabalho de cuidar do lar, mas a partir de um olhar mais romantizado, naturalizando e reforçando o papel da mulher dentro de casa.

Na imagem acima, focando no quarto parágrafo está escrito:

Divertido, não?... Mas, mais que divertido, mostra um pouco do valor que tem um trabalho sempre desvalorizado – o trabalho doméstico. Mas as mulheres estão começando a dizer para o mundo que esta história de que mulher é a rainha do lar, e que depois que ela casa vive como uma princesa dos contos de fada, é conversa só das novelas. Que aliás acabam sempre quando a mocinha casa finalmente com o mocinho e aí vivem felizes para sempre, e ponto final. (BRASIL MULHER 8 de março de 1980, p. 12).

Nesse trecho do Brasil Mulher, as editoras estão trabalhando no intuito de mostrar que ser a rainha do lar é uma construção social, uma representação criada a respeito do papel das mulheres e reforçada pelas novelas. Essa construção social não se restringe ao trabalho doméstico, mas perpassa essa atmosfera, limitando as mulheres a um padrão não somente no âmbito comportamental, mas também o estético. A construção social do feminino e do masculino perpassa o campo da cultura, utilizando-se do mecanismo biológico, reforçando a ideia de que as mulheres são boas mães, boas cozinheiras e donas de casa devido a sua constituição biológica. A ideia que possuímos já estabelecida sobre o papel dos homens e das mulheres na sociedade são consequência de construção social, histórica, política e cultural. De



acordo com Saffioti e Almeida as relações de gênero foram construídas de forma desigual e isso cria uma realidade ainda mais tensa para as mulheres:

O gênero constitui uma verdadeira gramática sexual normatizando condutas masculinas e femininas. Concretamente, na vida cotidiana, são os homens, nesta ordem social androcêntrica, os que fixam os limites da atuação das mulheres e determinam as regras do jogo pela sua disputa. (SAFFIOTI e ALMEIDA 1995, p. 32).

Na coluna Sociais, de 9 de julho de 1958, encontramos a seguinte recomendação:

As senhoras ou jovens mais cheias de corpo devem preferir os tecidos pesados, mas, as mangas e esguias, os tecidos leves e flexível. A linha estreita agrada às mulheres de tipo perfeito, e as menos esbeltas recorrem à linha ampla, que lhes vai melhor. (TRIBUNA 9 de julho de 1958, p. 3).

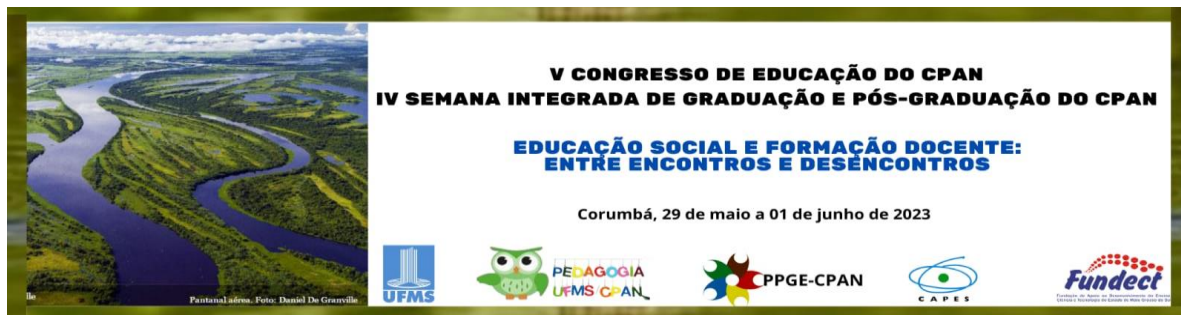
Além de lidar com todas as funções do lar, cuidar do marido, dos filhos, como se já não fosse o suficiente, ainda eram orientadas a estarem com sua aparência em dia e atraentes para seus maridos. Isso incluía uma vigilância sobre os seus corpos e deveriam estar sempre atentas ao seu peso.

A construção social do feminino e do masculino perpassa o campo da cultura, utilizando-se do mecanismo biológico, reforçando a ideia de que as mulheres são boas mães, boas cozinheiras e donas de casa.

Considerações finais

A partir da análise comparativa de ambos os periódicos, é notável que o contexto ao qual os dois estavam inseridos, as cidades e outros pontos citados anteriormente são fatores determinantes para favorecerem a nossa pesquisa, pois possibilitaram o debate das matérias referentes ao mundo doméstico.

O Tribuna, mesmo se preocupando em oferecer um espaço para o público feminino, é visível que esse espaço não atendia as demandas de todas as mulheres de todos os segmentos da sociedade, e que diante de todos os temas ali abordados, acabam normatizando o espaço feminino ao lar. Elas eram vistas como se estivessem naturalmente preparadas para lidar com as questões cotidianas, realizando suas tarefas domésticas com a maior facilidade e rapidez. Assim, o Jornal Tribuna, por meio da coluna Sociais, reforçaria a limitação das mulheres em sociedade quando a cerceia ao espaço doméstico, insistindo no discurso de que mulheres veem



a maternidade como um dom biológico, que cabe a elas serem boas esposas, amáveis, boas anfitriãs e estejam sempre dispostas a abdicar de suas vidas em prol de algo muito maior que elas. A sociedade da época não via com bons olhos as mulheres que iam contra esse sistema social vigente, criando maneiras de separá-las de outras mulheres. Mulheres ideais eram representadas pelas damas da sociedade, não por aquelas consideradas mau exemplo como as feministas e as prostitutas.

Através de um discurso que divergia do Tribuna, o Brasil Mulher nasceu com o intuito de debater essa construção do papel feminino, por meio de entrevistas que aproximavam o leitor do interlocutor, ou seja, as mulheres que liam o Brasil Mulher se identificavam com várias das temáticas ali abordadas. O periódico tinha como proposta contestar o motivo pelo qual as coisas caminhavam no rumo em que as mulheres se sentiam prejudicadas, buscavam entender o que era ser mulher naquele momento, o que implicava em encarar um período de ditadura militar, crise econômica e descaso por parte do estado brasileiro.

Como as efervescências e os diversos problemas enfrentados na época da ditadura militar, elas buscaram compreender por meio da representação, o lugar ao qual as mulheres estavam inseridas em sociedade, passando a refletir sobre as funções vistas como femininas e a divisão do trabalho como um instrumento de dominação que, de maneira simbólica, mantinha-as como objetos sujeitos à vontade e a necessidade dos homens. Ser mulher não se resumiria apenas as funções pré-estabelecidas como femininas, mas na busca de maior liberdade, quebrando com essa construção, para que assim fosse possível a formação de uma nova representação que concedesse mais liberdade às mulheres.

A partir da análise comparativa de ambos os periódicos, é visível que esse espaço a coluna Sociais não atendia as demandas de todas as mulheres de todos os segmentos da sociedade. Diante os temas ali abordados, deduz-se que as mulheres estariam naturalmente preparadas para lidar com as questões cotidianas, realizando suas tarefas domésticas com a maior facilidade e rapidez.

Esta afirmação não era compartilhada pelo editorial do Brasil Mulher. Com as matérias “Era uma vez a rainha do lar...” e “Mulher casada tem de ser biônica”, coloca-se um contraponto da ideia que era exposta no periódico da década de 1950, pois como destaca Beauvoir ([1949] 1980, p. 07) as “mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade;



começam a afirmar sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano”. Toda essa indignação só pôde ser exposta e entendida pelo fato das mulheres na década de 1970 terem o domínio do jornal, passando a ter voz por meio desse meio de comunicação, diferente da coluna Sociais, que era escrita por homens ou seja, reforçavam a representação da mulher como uma figura delicada, que teria seu comportamento limitado ao lar e responsável por muitas obrigações, como o cuidado dos filhos e dos maridos.

Observando o Brasil Mulher, este tratava de outros assuntos além do trabalho doméstico, em sua maioria, buscando romper com os padrões de mulher dona de casa, para fugir desse ideal de feminilidade, construído pela sociedade já contavam com direitos adquiridos, como o trabalho fora de casa e o voto, porém precisavam seguir buscando melhorias em sua condição de trabalho, igualdade salarial e a oportunidade de terem uma vida melhor. Para esse grupo de feministas, na década de 1970 e 1980, somente elas poderiam questionar essas desigualdades, pois sentiam na pele o peso da imposição de gênero e de toda a ordem social que as colocou como dependentes de seus maridos.

Referências:

Fontes:

JORNAL BRASIL MULHER. 8 DE MARÇO DE 1980

TRIBUNA. Corumbá, MT.5 de novembro de 1950.

TRIBUNA. Corumbá, MT.9 de julho de 1958.

TRIBUNA. Corumbá, MT.28 de outubro de 1958.

ROLAND BARTHES [et.al.] .../ tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto; **Análise Estrutural da Narrativa** introdução à edição brasileira por Milton José Pinto. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de Gênero – Poder e Impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. **Brasil Mulher e Nós Mulheres: Origens da Imprensa feminista Brasileira**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 234, jan. 2003.



Miriam de Matos Almeida, M. Simone de Beauvoir: Uma Luz em Nosso Caminho. **Cadernos Pagu**, v. 12, p.145-156. 2015.